



Revista EaD &

tecnologias digitais na educação

## Sociedade em rede: educação e informação em Castells

**Mariclei Przylepa (SEMED-Dourados-MS)**

*ma\_3150@hotmail.com*

**Ana Paula Moreira de Sousa (SEMED-Dourados-MS)**

*profap.educa@gmail.com*

**Cristiane Pereira Peres (SEMED-Dourados-MS)**

*cristiapereira@hotmail.com*

**Resumo:** *As discussões realizadas neste artigo, objetiva apreender as concepções de Manuel Castells ao que se refere, o Estado, a Sociedade e o Indivíduo, com base nas obras "O poder da identidade (2008)" e "A sociedade em rede (2016)". Assim, o estudo baseia-se em pesquisa e análise bibliográfica das obras referidas. A investigação evidenciou que a sociedade contemporânea se encontra marcada por uma nova era, uma nova existência, em que a ciência, o conhecimento, os processos, as organizações sociais, as pessoas, as vidas e as ações sociais necessitam serem revisitadas, desconstruídas e reconstruídas, a partir de um novo paradigma, que altera as bases epistemológicas do ser e da própria sociedade como um todo. Portanto, no contexto societal, existe uma nova forma de poder, que interliga a sociedade em rede e que este poder está na mente dos indivíduos.*

**Palavras-chave:** *Educação. Sociedade em rede. Tecnologias.*

**Abstract:** *The discussions carried out in this article aim to apprehend Manuel Castells' conceptions of what he refers to, the State, Society and the Individual, based on the works "O Poder da identidade (2008)" and "A Sociedade em Rede (2016)". Thus, the study is based on research and bibliographical analysis of the referred works. The investigation showed that contemporary society is marked by a new era, a new existence, in which science, knowledge, processes, social organizations, people, lives and social actions need to be revisited, deconstructed and rebuilt, from a new paradigm, which alters the epistemological foundations of being and of society itself as a whole. Therefore, in the societal context,*

*there is a new form of power, which interconnects the network society and this power is in the minds of individuals.*

**Keywords:** *Technologies. Education. Network society.*

## 1. Introdução

O artigo objetiva apreender as concepções de Manuel Castells acerca do Estado, da Sociedade e do Indivíduo, baseando-se em duas de suas obras que compõem a trilogia: “A era da informação: economia, sociedade e cultura”: volume I – “A sociedade em rede (2016)” e volume II, e “O poder da identidade (2008).”

Para atender este objetivo, foi preciso apresentar de forma sucinta obras relevantes do autor. Posterior, propõe-se uma discussão acerca da sociedade contemporânea em uma sociedade em rede, e finaliza-se refletindo a relevância da construção identitária coletiva do indivíduo nesta sociedade, bem como o papel da educação nesta construção, a partir das concepções e percepções de Castells.<sup>6</sup>

Manuel Castells é autor de vários livros traduzidos em diversos idiomas. Sua obra célebre é constituída da trilogia: “A era da informação”, composta por “A sociedade em rede”, “O poder da identidade” e o “Fim de milênio”. Outra obra importante e complementar da anterior é a “Rede de indignação e esperança”, em que o autor busca estabelecer uma relação entre as novas formas de comunicação da sociedade em rede e explicita caminhos para que a autonomia comunicacional das telas adquira materialidade na realidade social como um todo.

A atualidade que se apresenta, a partir das concepções de Castells, é uma sociedade organizada em rede, no qual o capital é global e o trabalho é local. O informacionismo gera a concentração e a globalização do capital por meio do emprego do poder descentralizador das redes. A mão de obra está desagregada em seu desempenho, fragmenta em sua organização, diversificada em sua existência e dividida em sua ação coletiva.

A sociedade em rede apresenta uma nova estrutura social, em que o tempo é fator preponderante, uma vez que o tempo linear, irreversível, mensurável e previsível está sendo fragmentado na sociedade em rede. A libertação do capital em relação ao tempo e a fuga da cultura ao relógio são decisivamente facilitadas pelas novas tecnologias da informação e embutidas na estrutura da sociedade em rede.

## 2. Contribuições de Castells sobre a sociedade contemporânea

Ao final do século XX, com a reestruturação do modo de produção capitalista, surge uma nova estrutura social, anunciada de várias formas pela diversidade cultural, em que ocorre um rearranjo dos mercados, o aumento da concorrência econômica glo-

---

<sup>6</sup> Manuel Castells nasceu em Hellín, Espanha, no ano 1942, foi refugiado político em Paris onde fez doutorado em Sociologia e em 1967 começou sua carreira universitária. Na atualidade, é professor de Comunicação na University of Southern California, em Los Angeles, Estados Unidos. Castells é professor nas áreas de sociologia, comunicação e planejamento urbano e regional, pesquisa os efeitos da informação na economia, na cultura e na sociedade como um todo e analisa a era da informação e das sociedades conectadas em rede.

bal, o desenvolvimento de um novo modo de comunicação (informacional) e o crescimento das redes de computadores. Apresenta-se uma nova ordem econômica e social, tendo como centralidade a revolução tecnológica focada na tecnologia da informação e da comunicação.

No entanto, o Castells (2016, p. 43) adverte que, apesar da nova ordem social estar centrada na revolução tecnológica, não ocorre um determinismo tecnológico, pois, a “tecnologia não determina a sociedade: incorpora-a. Mas a sociedade também não determina a inovação tecnológica: utiliza-a.” A característica fundamental do novo sistema de comunicação, baseado na integração em rede digitalizada de múltiplos modos de comunicação, é sua capacidade de inclusão e abrangência de todas as expressões culturais e a transformação, do espaço e do tempo.

O tempo no novo sistema é apagado, uma vez que passado, presente e futuro podem interagir entre si em uma mesma mensagem. O espaço de fluxos e o tempo intemporal são consideradas por Castells como as bases principais de uma nova cultura. Assim, a trata-se de uma cultura de virtualidade real, em que o faz de conta vai se tornando realidade.

O espaço organiza o tempo na sociedade em rede e a economia global/informacional se organiza em torno de centros de controle e comando capazes de coordenar, inovar e gerenciar atividades interligadas em redes.

O autor salienta que a interação entre a nova tecnologia da informação e os processos atuais de transformação social realmente têm um grande impacto nas cidades e no espaço. Porém, essa transformação não segue um padrão único, universal apresenta variação considerável que depende das características dos contextos históricos, territoriais e institucionais.

Sendo assim, a tecnologia é a sociedade, e a sociedade não pode ser entendida ou representada sem as ferramentas tecnológicas. Então, o que infere na sociedade em sua totalidade?

O trabalho é o centro da estrutura social, portanto, as transformações tecnológicas e administrativas do mesmo, bem como das relações produtivas nas novas empresas em redes,<sup>7</sup> tornam-se o principal instrumento pelo qual o paradigma informacional e o processo de globalização inferem na sociedade e alteram sua estrutura social.

A mudança substancial na forma de produção, que antes no industrialismo visava o crescimento da economia por meio da maximização da produção e agora no informacionalismo, objetiva o desenvolvimento tecnológico por meio da acumulação de conhecimentos e complexos processamentos de informações, fez surgir uma nova estrutura social.

O autor anuncia que essa nova estrutura social advinda do capitalismo informacional, caracterizado pela geração de riqueza, produtividade, competitividade e subjugado à informação, ao conhecimento e a capacidade tecnológica de processar as informações e gerar conhecimento, constitui a sociedade informacional. Esta sociedade se apresenta como uma nova forma de organização social, na qual a “geração, o processa-

---

<sup>7</sup> As redes são instrumentos apropriados à economia capitalista baseada na inovação, globalização, concentração, descentralizada, aos trabalhadores e empresas voltadas para a flexibilidade e adaptabilidade, a cultura de desconstrução e reconstrução contínua, a uma política destinada ao processamento instantâneo de novos valores e públicos e a uma organização social que vise à suplantação do espaço e invalidação do tempo (CASTELLS, 2016).

mento e a transmissão da informação são fontes fundamentais de produtividade e poder.” (CASTELLS, 2016, p. 210).

Portanto, corrobora-se com Castells (2016) que a era da informação pensada dentro de uma cultura informacional constitui a base da sociedade contemporânea, nas quais funções e processos sociais encontram-se cada vez mais organizados em torno de redes de informação/produção. Esclarece-se que, o novo paradigma da tecnologia da informação proporcionou a base material para o adentramento da rede em toda a estrutura social.

A sociedade encontra-se cada vez mais propensa a se organizar em rede, portanto, acredita-se ser necessário apreender a função da rede no contexto societal. O surgimento da sociedade em rede é consequência da interação do desenvolvimento de novas tecnologias e a tentativa da sociedade de reaparelhar-se com o uso do poder da tecnologia para servir a tecnologia do poder (CASTELLS, 2016).

Para tanto, as considerações do autor são profícuas e esclarecedoras, ao anunciarem que as redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e que a difusão da lógica de redes modifica de forma fundamental a operação, os resultados dos processos produtivos, as experiências, o poder e a cultura social. Nas palavras do autor, é o começo de uma nova existência, de uma nova era, a era da informação, referendada pela autonomia da cultura, que origina as bases materiais de nossa existência.

Ressalta-se que a sociedade atual está se (re)construindo ao vivenciar esta nova existência, uma nova era marcada pelo capitalismo global, por riquezas e desigualdades sociais, pela cultura informacional, pelo poder local e global e pela busca de identidade coletiva e individual. Tem-se então uma sociedade organizada em rede, na qual os processos de transformação social ultrapassam a esfera de relações sociais e técnicas de produção, afetam a cultura e o poder de forma irreversível.

Nas inferências de Castells (2016), adentra-se em um modelo genuinamente cultural de interação e organização social. A informação representa o principal ingrediente de nossa organização social, e os fluxos de mensagens e imagens entre as redes constituem a conexão básica de nossa nova estrutura social.

Não obstante, Castells (2008, p. 297) considera que a globalização da produção e do investimento ameaça o Estado do bem-estar social, tendo em vista que:

Somente um contrato social global (que diminua as diferenças, sem necessariamente equalizar as condições sociais e de trabalho), juntamente com acordos internacionais de tarifação, seria capaz de impedir a derrocada dos maiores Estados do bem-estar social. Contudo, devido ao fato de que na nova economia global, liberalizada e integrada em rede, a realização de um contrato social de tamanha abrangência é muito pouco provável, tais Estados vêm sendo reduzidos ao mais baixo denominador comum, que se mantém numa espiral descendente contínua.

Em sequência, o autor observa a globalização da mídia, sendo visualizado neste aspecto certo controle do Estado sobre informações e entretenimento, fazendo-o sustentar-se no poder. Paralelamente a essa globalização, também é verificado crescimento de mídias locais, sobretudo em rádio e TV a cabo. Essas mídias adquirem certa autonomia, mediante uso de tecnologias flexíveis.

Em suma, entendendo que a constituição de uma sociedade perpassa pela existência humana, suas formas de organização e reivindicação social, acredita-se pertinente buscar a compreensão do ser/indivíduo, bem como sua construção identitária nesta nova sociedade que se apresenta.

Dito isto, na contemporaneidade, existe uma nova forma de poder que interliga a sociedade em rede, o qual encontra-se no pensamento humano, portanto, apreender e construir identidades coletivas são essenciais, pois elas podem construir/reconstruir, solidificar, alterar e materializar interesses, valores e projetos sociais. O subitem a seguir, aborda a construção identitária do indivíduo na Sociedade em Rede.

### **Sociedade contemporânea e indivíduo: reflexões a partir de Castells**

As transformações ocorridas no contexto econômico, social, político, cultural e ambiental na contemporaneidade inferem diretamente na maneira de se conceber e materializar a ciência, o conhecimento, as instituições sociais e os indivíduos.

Para apreender o indivíduo neste contexto societal é preciso considerá-lo enquanto ser e coletividade, ou seja, as construções identitárias, formas de organização social, relações individuais e coletivas, o pensar e agir como sujeito e grupo social, tendo em vista que, nas constatações de Castells (2008), a globalização e o cosmopolitismo são desafiados pelas expressões de identidade coletiva e pela singularidade cultural e pelo controle que as pessoas possuem de suas vidas e ambientes.

Paralelamente, as transformações sociais, têm-se as mudanças advindas das lutas contra o patriarcalismo, da nova consciência ambiental, da crise de legitimidade da política, da fragmentação dos sindicatos e de grupos sociais e da perda de identidade. Essas mudanças são significativas, incontornáveis e subsidiam uma tendência de reagrupamentos social, ou seja, os indivíduos buscam se reagrupar em torno de identidades religiosas, étnicas, territoriais e nacionais.

Salienta-se que as expressões de identidade coletiva integram movimentos essenciais para a existência humana, como: feminismo, ambientalismo, religiosos, regionalistas, nacionalistas, étnicos, familiares, dentre outros, e esta coletividade possui legitimidade e força social para se contrapor a qualquer forma de segregação social advindas da globalização, do capitalismo ou da sociedade em rede.

Portanto, compreender o indivíduo na sociedade contemporânea requer apreender como ocorre a constituição de sua identidade individual e coletiva, pois as transformações sociais levam a uma nova forma de organização social e individual. Nesta direção, o processo de construção de identidade perpassa por uma individualização, em que os próprios sujeitos se sentem partícipes das construções coletiva e dos projetos que se encontram na estrutura social, no qual os indivíduos transformam-se em atores sociais e assim fazem parte.

Não obstante, Castells (2008) evidencia que o processo de construção da identidade ocorre de três maneiras diferentes, a saber: identidade legitimadora (imposições por instituições dominantes da sociedade); identidade de resistência (em posições desvalorizadas e/ou estigmatizadas pela lógica da dominação); e identidade de projeto (redefinição da posição social por meio de qualquer tipo de material cultural, por exemplo, o ambientalismo).

O autor explicita que os movimentos autônomos são essenciais por construírem espaços de autonomia fora dos condicionantes do Estado, das corporações, das empresas e dos partidos políticos, eles constroem suas redes próprias e sem líderes.

Compreende-se que, das constituições de identidades apresentadas, a identidade de projeto torna-se a mais legítima, significativa e com poder de ação social, por ser uma construção cultural de indivíduos.

No entanto, corrobora-se com a assertiva do autor em que afirma ser necessário construir um processo de mobilização social, não necessariamente revolucionário, mas as pessoas precisam participar de movimentos que revelem e defendam interesses comuns, partilhem a vida e produzam novos significados coletivos e sociais.

As tecnologias de informação e comunicação, sobretudo a internet, são meios importantes para a mobilização e organização dos movimentos sociais, e a vivência da sociedade em rede, contribui para tal, ao propiciar um amplo acesso e disseminação de conhecimento, em tempo real, aos indivíduos. Contudo, Castells (2016) sinaliza que a internet é uma tecnologia velha, criada em 1969, mas se constitui como um produto cultural, a partir de valores como liberdade e autonomia.

Defende-se a ideia que a ação coletiva constrói uma identidade, uma comunidade coletiva e pode representar formas de reivindicações e conquistas sociais frente às transformações locais e globais. Contudo, concorda-se que as comunidades coletivas “constroem abrigos, mas não paraísos” (CASTELLS, 2008, p. 84) e, somente, a luta politizada pode apreender e transformar realidades sociais.

Salienta-se que a politização social é fortalecida pelas comunidades coletivas, porém, ela se torna instrumento de conscientização e luta social, por meio da teorização e da práxis educativa. Neste sentido, na era informacional, que perpassa a sociedade contemporânea, não é a tecnologia por ela mesma que garante mudanças, e sim a formação de uma cultura informacional.

Castells (2016) esclarece que a informação já se encontra digitalizada e disponível na internet, o que falta a pessoa é ter a capacidade mental de saber o que quer, buscar, recombinar e produzir um tipo de conhecimento inovador, o qual não vem do ensino tradicional, pois advém da capacidade de inovar.

A ênfase na constituição das comunidades locais ocorre por que elas não produzem um padrão de identidade individual. Com o passar do tempo, os indivíduos se sentindo partícipes destas comunidades construirão uma identidade cultural e coletiva, que os unirá em um projeto social comum. Esta identidade os fortalecerá enquanto grupos identitários, com legitimidade individual e coletiva, para as lutas sociais que se apresentam advindas do capitalismo, da globalização e das transformações econômicas, sociais e culturais próprias da contemporaneidade.

A assertiva de Castells (2016) é fundante ao afirmar que as transformações sociais não ocorreram por meio das instituições políticas, já que elas estão na mente dos indivíduos. Não cabe aos movimentos sociais tomar o poder, mas dissolver o poder na mente das pessoas, as quais podem transformar-se e agir em suas realidades, uma vez que, “somente por meio de um olhar livre de opiniões preconcebidas sobre o novo cenário histórico, é que seremos capazes de encontrar caminhos bem iluminados, abismos profundos e passagens ainda obscuras na nova sociedade que surge a partir das crises de nosso tempo.” (CASTELLS, 2008, p. 95).

Portanto, se as transformações sociais podem advir do “poder” conscientizador do sujeito, a educação torna-se o cerne da vida humana, pois ela é “[...] uma prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de ‘ser humano’ [...]” (LIBÂNEO, 1998, p. 22).

Não obstante, segundo Freire (1987), a educação é um ato político, então, ela pode contribuir para a emancipação humana e social e não para a subordinação dos sujeitos a globalização e ao mercado de trabalho.

Com a era da informação, a cultura informacional suscita uma mudança no processo de interação entre indivíduos, em que a tecnologia media essas relações e contribui para que o indivíduo construa conhecimentos em sua individualidade e, não necessariamente no mesmo tempo e espaço, contribua para a construção da sociabilidade intrínseca à sociedade em rede. Desse modo, é possível apreender as contribuições da sociedade em rede no âmbito da educação, da ciência e da pesquisa, elementos estes que resultam na produção de conhecimentos em nível local e global.

## Considerações Finais

As transformações sociais constitutivas da sociedade contemporânea proporcionada pelo paradigma tecnológico informacional originaram uma nova estrutura social, tendo em vista sua inferência nos meios de produção, na cultura, nas vivências sociais, nas formas de conceber o mundo, as pessoas, os movimentos sociais, bem como os processos identitários individuais e coletivos.

Portanto, a sociedade contemporânea encontra-se marcada por uma nova era, uma nova existência em que a ciência, o conhecimento, os processos, as organizações sociais, as pessoas, as vidas e as ações sociais necessitam ser revisitadas, desconstruídas e reconstruídas a partir de um novo paradigma, que altera as bases epistemológicas do ser e da própria sociedade como um todo.

Neste sentido, sociedade e indivíduos na atualidade perpassam por transformações profundas e têm como um dos seus fenômenos mais fundamentais a autonomia, ou seja, as pessoas possuem a capacidade de pensar e decidir sua própria vida, apesar das limitações socioeconômica e cultural existentes.

Na atualidade, a vida se integra por meio da rede. A rede se apresenta muito mais que um mundo físico e virtual, ela é um mundo híbrido. Ela expressa identidades individuais e coletivas e contribui com a transformação estrutural e relacional de nossa realidade. É uma realidade pautada em uma nova ordem econômica e social, em que a revolução tecnológica, concentrada nas tecnologias da informação e comunicação é responsável por essas transformações. Para Castells (2008), os movimentos sociais e a política são resultantes da interação entre a globalização induzida pela tecnologia, pelo poder da identidade e pelas instituições do Estado.

Salienta-se que, as discussões do autor perpassam pela ideia que a identidade legitimadora dá origem a uma sociedade civil. Nesse sentido, Castells (2008) adota a visão de Gramsci, ressaltando que a sociedade civil é constituída por aparatos, como igrejas, sindicatos, partidos, cooperativas, entidades cívicas, etc., os quais prolongam a dinâmica do Estado e, ainda, estão profundamente arraigados entre as pessoas.

A estrutura social na era da informação consubstancia-se em globalização, reestruturação do capitalismo, formação de redes organizacionais, cultura da virtualidade real, e primazia da tecnologia a serviço da tecnologia. Conclui-se então que, o poder hoje não está centrado nas instituições (Estado), nas organizações (empresas) ou nos mecanismos simbólicos de controle social (mídia, igrejas), mas sim nas redes globais de riqueza, poder, informações, comunicação e imagens.

Em suma, na contemporaneidade, existe uma nova forma de poder que interliga a sociedade em rede, que está na mente das pessoas, sendo assim, apreender e construir identidades coletivas são essenciais, tendo em vista que elas podem construir/reconstruir, solidificar, alterar e materializar interesses, valores e projetos sociais.

Portanto, a partir de uma sociedade em rede, verifica-se a necessidade de um investimento qualitativo com relação a formação de uma cultura informacional nos espaços educacionais, tendo em vista que as relações sociais em rede com o passar dos anos contribuíram para uma (re)construção de identidades dos indivíduos.

### **Referências**

CASTELLS, M. A sociedade em rede. Trad. Roneide Venancio Majer. 17 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

CASTELLS, M. O poder da identidade. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LIBÂNEO, J. C. Pedagogia e pedagogos, para quê? São Paulo: Cortez, 1998.